

AUTOR

Thássio Ferreira*

thassiof@gmail.com

* Escritor.

Sessão parlamentar transformada em poesia política

Sesión parlamentaria transformada en poesía política

Parliamentary session turned into political poetry

Frankel, R. D. (2017).
Sessão.
São Paulo: Luna Parque.

Em 17 de abril de 2016, a Câmara dos Deputados do Brasil autorizou, por 367 votos a 137, abertura de processo de impedimento da presidenta eleita em 2014, Dilma Rousseff. O impedimento foi posteriormente votado pelo Senado Federal (a república brasileira possui um Congresso bicameral, constituído de duas casas parlamentares na esfera federal), levando ao afastamento de Dilma do cargo.

Um ano depois, Roy David Frankel nos (re)apresenta poeticamente este momento traumático da política brasileira em seu livro de estreia: *Sessão* (Luna Parque, 2017). O poeta consultou a íntegra das falas dos deputados presentes à sessão, selecionou as que considerava mais representativas dos aspectos e força simbólica e discursiva do conjunto de intervenções e fez de cada fala um poema, preservando a totalidade dos discursos selecionados, mas cortando-os em versos livres.

O livro possui muitos méritos. De pronto, destaca-se a dupla ousadia e humildade de Frankel ao nos apresentar uma obra em que sua arte se debruça sobre palavras de outros. Abrindo mão de retratar o episódio com sua própria fala, em prol da fala dos protagonistas daquele momento, reorganizando em versos a prosa não intencionalmente poética – mas que revela insuspeitada poesia em alguns momentos – dos (supostos) representantes do povo, a força do que é dito e lido se potencializa, como retrato e (re)memória do momento político vivido e como obra de *transformação poética*, de algo tomado ao não-poético e tornado poético, evidenciando a linguagem poética como processo e suas possibilidades de impacto.

Esse expediente, como ressaltado no posfácio, remete aos *ready-made* que Duchamp consagrou nas artes plásticas. Mas ao contrário de um *ready-made*, os poemas não surgem da pura transladação do objeto (no caso, as falas dos deputados) de seu contexto original; o autor intervém na organização espacial (e, portanto, rítmica, sonora e simbólica) de cada discurso, preservando seu conteúdo, mas alterando sua apresentação, em busca da expressividade almejada.

Podem-se perceber ecos do surrealismo, com suas técnicas de colagem e escrita automática a criarem uma realidade poética autônoma, independente da realidade (e da linguagem realista)

habitual que nos rodeia. Todavia, a técnica de Sessão revela-se muito própria. Embora nos lembre as surrealistas, e apesar de certo efeito *nonsense* dos discursos destacados de seu contexto e sem identificação dos autores, a elaboração consciente do poeta – ao contrário de uma escrita a partir do fluxo inconsciente de pensamento – pode ser considerada quase *hiper-realista*, na medida em que a disposição das palavras no papel ressalta minúcias das falas, trazendo ao leitor o choque de um mergulho no ambiente isolado daquelas frases, sem a imagem de seus autores nem qualquer outro elemento, exceto a pura linguagem.

Neste sentido, esta ausência de identificação dos autores de cada discurso/poema exerce papel fundamental. Ao omitir do leitor os elementos de contextualização mais imediata dos discursos (como filiação partidária, gênero e trajetória pública), Frankel cria uma tensão de mão dupla entre a realidade política e a arte. A poesia aqui revela e oculta, ao mesmo tempo, a política brasileira, tecendo um caminho particular de interpretação crítica do substrato fático em que se inspira, estimulando uma percepção e absorção agudas das frases ditas, em sua potência de comunicação, significados e, frequentemente, também na potência de seus absurdos.

Os absurdos são muitos. Enormes. Na página 60, um(a) exaltado(a) parlamentar inicia dizendo:

Presidente,
um colega
nosso
aqui da Câmara,
cujo nome
não vou citar,
disse que,
se nós cassarmos a Presidente Dilma hoje,
ele vai se mudar do

Brasil.

Eu já comprei a passagem dele,
sem volta.
Saia daqui, porque **nós vamos cassar o**
Brasil!
em nome do Pará!
(...)

E, ao fim, conclama:

E quem vota sim
coloca a mão para cima!
Coloca a mão para cima!

(Frankel, 2017)

Além de pretender cassar o mandato da Presidenta em uma votação destinada apenas a autorizar o início do processo de impedimento, cuja decisão final caberia ao Senado, não à Câmara dos Deputados, o(a) discursante, em seu afã, produz uma das frases mais involuntariamente simbólicas daquele momento: “nós vamos cassar o Brasil”, revelando uma nação sequestrada e cassada em seu protagonismo político, no exercício do poder que deveria emanar do povo, pelas urdiduras de *políticos profissionais* que se mantêm à frente da esfera institucional pela subserviência a interesses econômicos (muitos espúrios) que lhes garante visibilidade e viabilidade eleitoral em troca de atuação contrária aos interesses da população, em prol do benefício de poucos.

PALAVRAS-CHAVE

Poesia brasileira;
política;
impeachment

PALABRAS CLAVE

Poesía brasileña;
política;
impeachment

KEYWORDS

Brazilian
poetry; politics;
impeachment

Recibido:

08.10.2017

Aceptado:

17.01.2018

Não satisfeito(a), finaliza com um convite *dançante*, como se no carnaval estivesse, em alguma votação inconsequente feita à brincadeira, e não num julgamento que deveria ser jurídico e aprofundado, sobre o destino da chefe de estado eleita por 54,5 milhões de cidadãos.

Frankel estrutura formalmente seus poemas de modo a sublinhar absurdos, contradições, pobreza de ideias e discursos, repetições e outros elementos das narrativas que têm moldado a realidade brasileira, bem como para criar originais efeitos poéticos, valendo-se da liberdade e dos recursos consagrados pela poesia concreta para organizar e destacar palavras de maneira específica e inusual no espaço da página (com suas infinitas possibilidades), enfatizando-as graficamente, conferindo-lhes entonação própria que o leitor pode *escutar visualmente*.

Dentre os achados dessa espécie de *audição visual*, os mais simples e diretos parecem ter melhor efeito, como neste trecho:

(...)	
em uma	
di	
vi	
são,	
para colocar o	
	País
numa crise	
p	
r	
o	
f	
u	
n	
d	
a	
e	
a l o n g a d a	

e, na página 68:

contra	
a imposição desse partido	
de	

esquerda	
que quer	
transformar este	
	Brasil
numa ditadura de	
esquerda,	
o meu voto é	
sim.	
	(Frankel,
	2017, p. 68)

Registra-se certo espanto pelo autor não ter aproveitado oportunidades de intervir do modo acima exemplificado em trechos que parecem propícios a tal recurso² – no geral muito bem dosado e executado – sem que tais acréscimos tornassem seu uso exagerado na obra.

Porém, o recurso mais utilizado, sobressaindo-se e de certa forma dando o *tom* da obra e de sua linguagem poética própria, é o *enjambement* (encavalgamento). Para Agamben (*apud* PUCHEU, 2009), o *enjambement* constitui o grande traço distintivo do verso (e, portanto, do poema) em relação à prosa, seja na sua efetiva existência ou na sua potencialidade latente — “no fim do verso, flagra-se um tempo de parada sonora e um lugar de interrupção plástica que podem condizer ou não com uma cessação sintática da oração, que é passível de continuar”³.

Cortando em versos livres as frases ditas, o poeta elege como pedra fundamental do livro este recurso pelo qual o sentido de um verso adentra o seguinte (complementando-o, alterando-o ou mesmo o contradizendo), e que, muitas vezes tido como uma espécie de invasão da prosa no poema, é visto, por outros, como a própria singularidade do poético, permitindo efeitos estéticos e semânticos que a prosa não permitiria.

A escolha enrobustece a força poética de *Sessão*, construindo e sublinhando a tensão entre a prosa que lhe dá origem e o resultado poeticamente trabalhado que acrescenta novas camadas de leitura e percepções aos discursos.

O exemplo a seguir ilustra a força expressiva obtida com o *enjambement*:

Nesta Casa
 eminentemente
 política,
 porém,
 não estamos julgando
 a pessoa da
 Presidente Dilma Roussef,
 estamos julgando
 politicamente
 o Governo.

(Frankel, 2017, p.14)

O isolamento de “eminentemente”, “política” e “politicamente”, assim como os versos em *suspense* “Nesta Casa” e “não estamos julgando” – cujo sentido que lhes concretiza a solenidade só se verifica nos versos seguintes – destacam a pompa cerimoniosa, quase pedante, com que tais palavras são usadas, e, por outro lado, ressaltam o efetivo caráter grave do que ali se desenrola e do poder das palavras proferidas em moldar a realidade social.

Mas o uso da ferramenta, a mais importante na construção e leitura do livro e uma de suas maiores qualidades, não é isento de deslizos.

Por tão abundante, é também nele que encontramos os momentos menos felizes do livro. Se o corte de versos específicos sempre encontrará alternativas possíveis – por vezes preferidas por outros que não o autor – o que importa é analisar, à parte escolhas pontuais de que se discorde, se há alguma linha de uso do recurso que, subjacente a seu uso bem sucedido, não o é em igual grau.

Neste sentido, um excessivo isolamento de preposições e artigos, assim como certo abuso no corte de orações quando não revela resultados especialmente expressivos (semântico, sonoros ou visuais), são os momentos menos fortes de *Sessão*. Por vezes o corte, sem ocasionar ênfase semântica que o justifique, atua como um regente do ritmo (sonoro ou visual), justificando-se deste modo⁴. Em alguns trechos, porém, nem a expressividade nem o ritmo parecem conformar a escolha do corte feito⁵.

Em outros momentos, o corte acaba mesmo por enfraquecer a força expressiva ou a sonoridade do trecho (sem que eventuais razões de ordem visual

pareçam superar tais pontos), com mais frequência em versos que se constituem exclusivamente de uma única palavra quase sem carga sintática, em geral uma preposição ou artigo. Nestes casos, embora se vislumbre a tentativa de destacar o trecho/termo que se descola da preposição (ou do artigo), acaba-se destacando a preposição solta, induzindo o leitor a decodificá-la como elemento de especial relevância – inclusive pela abundância de outros momentos em que o isolamento de termos opera este propósito – quando não o é. Nestes trechos, poderiam tais palavras serem trasladadas ao verso precedente ou seguinte sem perda da força deste pelo acréscimo daquelas, como aliás é recorrente em várias passagens.

Na página 26, vemos um exemplo do exposto:

O	
	Brasil
não será	
o	
	País
Do ódio,	
daqueles que querem	
destampar	
a lógica da intolerância	
e	
a lógica do fascismo,	
que estavam recolhidas	
pelo peso	
da	
democracia,	
que custaram	
tanto	
a	brasileiros
e	brasileiras.

(Frankel, 2017)

O isolamento dos artigos no 1o e 3o versos se justifica pela escolha de sempre destacar, ao longo da obra, à direita da página, termos de alta frequência nos discursos, de alta potência simbólica, mas esvaziados por sua banalização (Brasil, País, brasileiros, Pátria, Nação); e, no 3o verso, para evitar a estranheza sonora de “será o”. Também o isolamento do conectivo ‘e’, por duas vezes, atua realçando a intensidade dos elementos por ele conectados.

Porém, não há razão para o destaque que o isolamento confere à preposição que constitui a 14ª linha, que poderia ser a parte final do verso precedente – que já conta com uma preposição – ou iniciar o seguinte, ecoando a construção do 6o verso (“do ódio”), sem que a palavra democracia (ou, de modo geral, o poema, em sua visualidade) perdesse força com este acréscimo – embora esta segunda opção não pareça sonoramente tão adequada.

No mesmo sentido, o pronome /‘que/’ da 16ª linha poderia se acrescentar ao verso anterior, sem tirarlhe força, ou ao seguinte, cuja construção então ecoaria a 7ª linha. Vale perceber que as soluções ora aventadas são escolhidas pelo próprio poeta neste mesmo poema, além de poderem ser encontradas ao longo da obra. Outros exemplos podem ser encontrados nas páginas 17, 42, 115 e 191 (24o, 11o, 9o e 5o versos, respectivamente).

A ressalva destes momentos, contudo e felizmente, não retira o brilhantismo e qualidade evidentes de *Sessão*, obra absolutamente oportuna no momento político-social vivido pelo Brasil e pelo mundo, por nos provocar uma reflexão pela arte sobre os discursos que têm moldado nossas realidades políticas e coletivas em geral, fazendo-o com intensa qualidade e expressividade poéticas.

NOTAS

¹ Grifos nossos.

² Como nos versos “com a coragem de maranhense de norte / a sul, de leste / a oeste, com o carinho /...” (p. 119) ou “O / Brasil / caminha para onde / o povo mineiro aponta” (p.179).

³ Pucheu, A. (2009). Do começo ao fim do poema. *Boletim de Pesquisa NELIC*, 9(14). Recuperado de [https://disciplinas.usp.br/pluginfile.php/3180889/mod_resource/content/1/PUCHEU_Do_comeco%20ao%20fim%20do%20poema.pdf]

⁴ Por exemplo, na estrofe final da página 40.

⁵ Por exemplo, na 3ª estrofe da página 166 e nos quatro primeiros versos da 2ª estrofe da página 24.